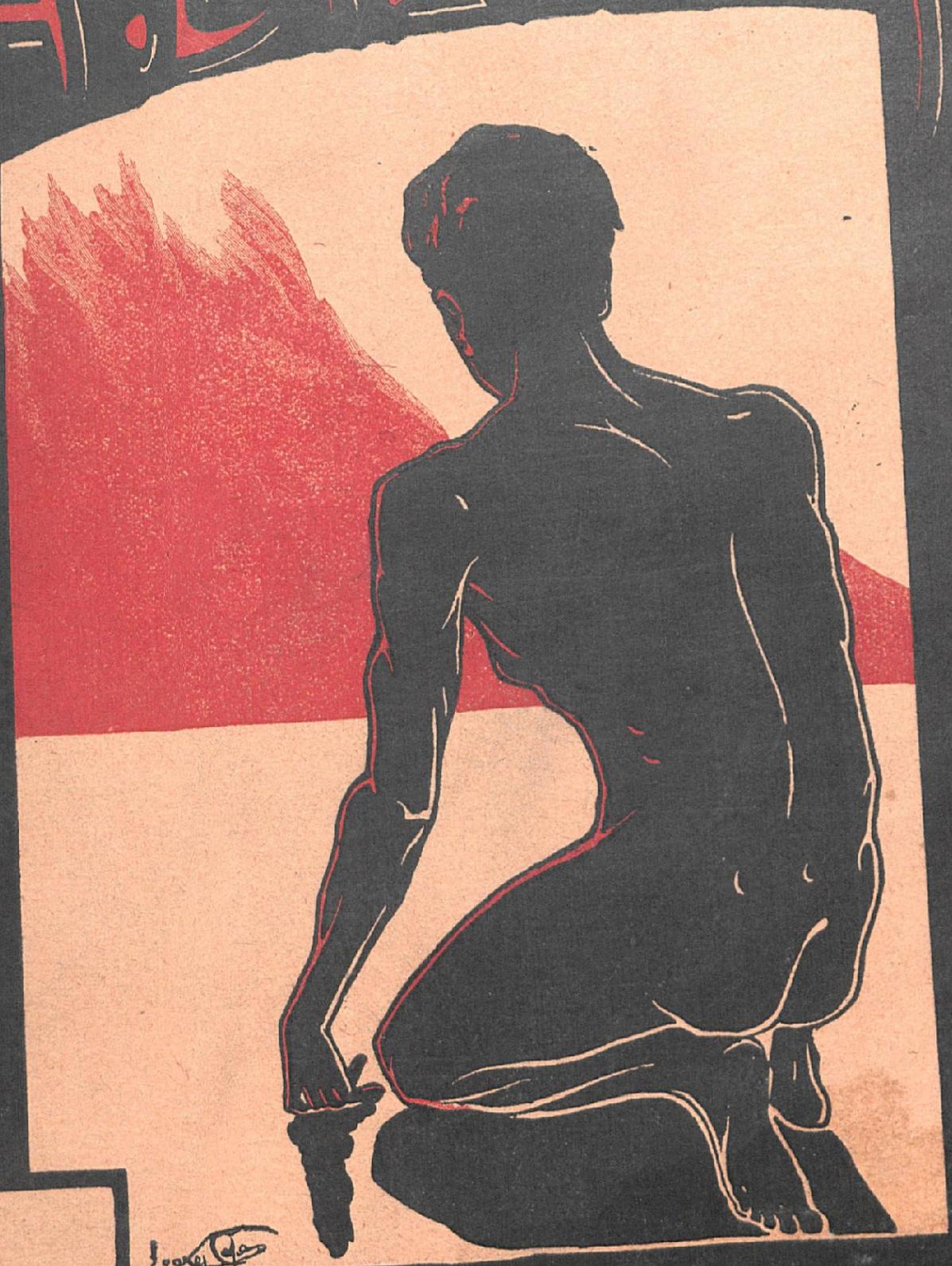


# A: LA BARÉDA



Joaquín

2

: REVISTA MENSAL  
DE LITERATURA E ARTE :

# A :: Labarêda ::

DIRECTORES :

NARCISO DE AZEVEDO  
JOAQUIM LOPES

Editôr e Administrador:

MANUEL DE AZEVEDO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : : RUA DO LINDO VALLE, 291

: : REVISTA MENSAL : :  
DE LITERATURA E ARTE

PROPRIETARIOS:

ARMANDO CRUZ  
NARCISO DE AZEVEDO  
JOAQUIM LOPES

## : : SUMÁRIO DO N.º 2 : :

: : : A AFRICA RIZIVEL : : : : : . . .	Carlos Parreira
: : A TRAGEDIA DUM IRONISTA : : . . .	Camillo Castello Branco
(CARTA INÉDITA)	
: : : O SEMEADOR : : : : : . . .	Conde de Monsarás
: : ROMANTISMO E PAPEIS VELHOS : : . . .	Teixeira de Carvalho
: : : DOM CAVALLEIRO : : : : : . . .	} Narciso de Azevedo
: : : SENHOR INFANTE : : : : : . . .	
: : : : AMÔR ; : : : : . . .	Simões de Castro
: : : : VITRAL : : : : : . . .	Affonso Duarte
: : : AOS MEUS OLHOS : : : : . . .	Armando Cruz
: : : : CARTA INÉDITA : : : : . . .	Manuel Laranjeira
: : : : : : : : : : : : : DESENHOS DE. . .	} Vieira Portuense Domingos Sequeira Soares Lopes

A :: LABARÊDA :: SÓ ACEITA INÉDITOS

ASSIGNATURA :

Trimestre . . . . . 18 centavos

PAGAMENTO ADEANTADO,  
PODENDO SER FEITO EM ESTAMPILHAS DO CORREIO

NUMERO AVULSO 6 centavos



DE CARLOS  
: PÁRREIRA :

## : A AFRICA RIZIVEL :

Adjacencias do cemiterio da cidade — especie de desmantelado alcazár de mortos e inundicies, que o grassido dos ventos voltaireanamente açoita de impropérios, terreiro de olvidos, sem *au-delà*, sem dramatico, por falta das mãos erguidas dos ciprestes espiralando p'ra Deus a sua réza gótica de folhagem; do cemiterio que é o ponto final, ironico, duma vida de cigarras, cantada e bailaricada, o *memento* escaminho dum povo solerte que, cantando e bailaricando, deve á botica, deve ao padeiro, deve ao visinho, caloteia o aluguer da casa, onde perenemente zoina a cadeira de balouço das suas atonias mentaes e mexericos e impreterivelmente péguinha a pantufa rota dos desmazelos de *ménage*; que, bailaricando e cantando, constitue familia, põe em abobada ventres murchos, pedincha, rifa, vendilha, trapaceia, toma de emprestimo tudo: calças e botões de punho, os pratos em que come, as oleogravuras de que atravanca as paredes da sala de visitas; que, cantando e bailaricando, desnalgando-se, desengonçando-se em elipsóides de rhinoceros bailarins, em figurinos de tango e de maxixe, julga-se rei sendo lacaio, diz-se Antony do amor sendo apenas um levita grosseiro da luxuria, quer que o tomem por cavaleiro andante do belo espirito quando não passa dum *marmiton* prénhudo e purgativo, dum papagaio bronco e desphumado; que, bailaricando sempre e sempre cantando, deixa mirrar os campos e emigra, calaceia d'alva a poente e vae depois, amarelo de jejuns, mostrando a ruinaria pifia do arcabouço, ululando que tem fome, eructando lamurias e abjecções contra um Poder, inconscio do seu mando; que, de entretido com lunduns e bacanáes, nunca parou a ouvir a canção da agua vagabunda que, desprezada, êrma de mimos, tira a femenil desforra, não lhe gorgeando nas regueiras, faltando-lhe no momento proprio, mudando-lhe, rápido, a trança loira das espigas em cabelugens de hárpias flatulosas, pondo-lhe corcundas gêbas de falencia na architettura alácre dos cafezeiros; que, tocando e cantando, imola os cincoent'anos da vida na ara obsoleta de Therpsicore; tem no cerebro em vez de circumvoluções variantes de polkas, almoça recuerdos de mazurcas, janta promessas de balancés, ceia uma expectativa de lan-

ceiros, té que certa manhan a morte chega, mostrando na mão adunca, toda d'unhas, a terrivel ordem de marcha e sentindo-se fenecer inda soergue na gôrja o fio partido da vóz, p'ra pedir aos que ficam—lhe dansem uma valsa, *in memoriam*...

...adjacencias do cemiterio, esfuga-se, entrecruza-se, torcicola-se um como que acampamento de bohemios, pandemonio de luras e casótas, mostrando pelos olhos vesgos das portas e janelas o quer que seja do betuminoso interior duma crypta romana, do pezadelo duma mina d'hulha, onde restos de cadeiras prehistoricas dialógam em surdina com hipoteses de mesas sem idade, sombras formigam, recortando arremedos de creaturas num ambiente côr de pêz, hiper-londrino e de vez em quando porcos resmuneâm com ares de "pessoas de familia", de parentes pobres que pagam com birras o agasalho.

A vez primeira em que lá fui, a um poente de laca de Veneza, por cujo concavo beijante vagavam rebanhos biblicos de nuvens, já ensaiando a elegia oiro-lilaz do anoitecer—a vez primeira em que lá fui acompanhava-me um amigo, ali impellido á cata de não sei que esquiva Sulamita, ternalhando-o, dizia, com atitudes de imperio e desafio e certo traçar de chale em prégas de clamyde antiga a pôr-lhe no busto côr de mel uma sensação de bronze deshonesto.

A meio dos estreitos arruamentos creanças ajojavam no chão os abdomens de abobora, matronas do lar aboloreciam ás portas, carapinha ao léo, trazendo á altura dos úberes, sem maternidade, com uma sorte de reverso automatismo, a bôca em buzio das crias hediondas, marmanjos côr de fuligem, supracilio hirsuto e craneos de orangos, chocalhavam os dados das suas sornas algaravias, onde não estruge um fremito sequer de célula viril e as palavras empeçam, não avançam, como animal medroso que vê sombra... e só era ali o activo pormenor uma colonia bicante de galinhas, brochando na grande têla barbara frenesis de vida dinamica, labutante, pinceladas cruas de bulicio, como um apupo castigador á abolia degradante, á bestificação infra-marroquina dos demais comparsas.

Não vimos a Sulamita. Mas eu trouxe a convicção de que sincerós e naturaes eram *esses* e fui subindo a ladeira que leva á *city* das lojas e das ruas rétas, dos predios baccôcos e dos Narcisos gordanchudos, onde gorgulham os *outros*, os senhores, arrogando-se direitos, em nome de não sei que drolatica civilisação—p'ra que nem, talvez, hão-de nascer os netos dos seus netos.

Cabo-Verde—Junho, 1914.

:: DE CAMILLO ::  
CASTELLO BRANCO

## : A TRAGEDIA DUM IRONISTA :

:: CARTA INÉDITA ::

III

*Minha amiga*

*Está bem longe de imaginar que recebe hoje esta carta, muito diversa da de hontem. Eu tenho resolvido ir para o Porto passado um mez, quando muito. Vou tomar banhos á Foz ou Lessa, e depois lá fico, alugando a senhora casa que tenha geito.*

*A minha saude é impossivel aqui, e os outros mais motivos me obrigam a sair de Lisboa. Lá lh'os contarei. Como creio que esta noticia é agradavel á minha amiga, não quiz espaçar-lh'a por mais longe. Quando fallar com minha filha, pode dizer-lhe isto.*

*Seu muito amigo*  
CAMILLO.

:DO CONDE DE  
MONSARAZ :: ::

## :O SEMEADOR:

Robusto sementeiro, quando semeias  
O ventre maternal da terra, quando  
A vais de leira em leira polvilhando  
Do farto grão que espalhas ás mancheias,

O sangue que circula em tuas veias  
E' a força ancestral do miserando  
Servo da gleba, ó sementeiro, semeando  
A paz fecunda e livre por que anceias.

Ha seculos de fomes e canceiras  
Que só colhes das rudes sementeiras  
Despotismos e guerras pelo mundo...

E tu, na aureola d'oiro que irradias,  
Quanto mais sofres, tanto mais confias  
No teu gesto pluvioso, amplo e fecundo.

::DE TEIXEIRA  
DE CARVALHO:

## : ROMANTISMO E PAPEIS VELHOS :

*Meu caro Carlos de Mesquita:*

Eu ando agora como Dmitri Troubchevskaia o heroe do interessante conto de Apontkhtine que julgava encontrar paisagens conhecidas em sitios por onde nunca andára, integrando as halucinações do seu espirito na vida que vivia.

Com a idade, cançada a imaginação e a fantasia, as coisas sonhadas sam tam semelhantes aos accidentes da minha monótona vida, e a memória envolve-as a todas em tão igual indecisão de linhas que me custa muitas vezes a distinguir aquilo que vivi d'aquilo que sonhei.

Tinha-te dito que, em manuscritos e escritores menóres do seculo XVIII, havia encontrado em Portugal refléxos do *romantismo inglês*, de que andas publicando um tão brilhante e consciencioso estudo.

Sonhei-o com certeza.

Tudo parecia indica-lo. Murphy fizéa, nesse seculo, o estudo do Convento da Batalha, ainda hoje lido com interesse, e deixára em *Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem Tejo in the years 1789 and 1790* a admiração pelos nossos costumes e pelos nossos monumentos.

Becford, que transplantou para Inglaterra detalhes da nossa arquitetura, e foi, no seu país, um apaixonado cultor do romantismo, viveu largo tempo na cõrte Portuguesa, convivendo com o que havia de mais intelctual no meio dessa curiosa época, sendo por isso de esperar encontrar vestigios na literatura portuguesa da sua originalidade e da sua cultura.

Nada encontrei porem.

O amôr aos velhos monumentos medievaes, o culto do seu pitoresco, a evocação da vida a que serviram de teatro, nada disso se vê nas poucas obras em prosa e verso que o acaso me tem deparado, perdidas no meio das fastidiosas coleções de manuscritos inéditos que tenho percorrido.

No seculo XVIII, apurava o marquês de Pombal, no

culho acanhado do utilitarismo immediato que havia de tornar em grande parte infecunda a sua obra, a destruição dum dos mais belos monumentos de Coimbra—o claustro da Sé Velha, que só mais tarde foi aproveitado para evocações romanticas da vida nacional.

Na época, o bispo reformador ficou tão encantado com a obra, que escreveu ao marquês, dizendo-lhe que se fizera um aplauso geral, e informando que, com grande vantagem do ensino, os estudantes de medicina tinham aproveitado os óssos que as escavações tinham posto a descoberto...

Os poetas queixaram-se; mas não fizeram romantismo, fizeram trocadilhos máos.

Ahi tens, como curiosidade, uma amostra do que encontrei nas coleções de manuscritos da Biblioteca da Universidade:

SENTIM.<sup>to</sup> POR PARTE DA SEE VELHA:

Acabaste, óhi See, q.<sup>m</sup> tal dicera?  
Se de tua antiga gloria se lembrara  
Q.<sup>do</sup> só fidalguia em ti se achára  
Se toda a fidalguia se perdera;

Foste grande, e real por tua esfera,  
Unica em seres só, e mais preclara,  
Se a inveja os teus lustres não roubára  
Q.<sup>m</sup> as tuas glorias se atrevera?

Virão-te na grandeza renovada  
Com pompa magestosa engrandecida  
Felizm.<sup>te</sup> na fama eternizada.

E como te mostraste tão luzida  
Não podendo ficar See derrubada  
Quizerão que ficasses See partida.

Queres saber como os poetas deste tempo contemplavam os monumentos? Tens um exemplo num soneto do seculo XVIII que anda no n.º 1041 da Bibl. da Univ.:

A HUM EDIFICIO ARRUINADO:

Este cadaver, que aqui vês rendido  
No Mausoléo do tempo sepultado  
Enfermou da grandeza com que obrado  
Foy por oitavo assombro conhecido.

Como foy na grandeza desmedido  
Houve de ser nas quedas ajustado;  
Porque a altura, que o fez tão remontado  
Destinou para então o ser cahido;

Porem ainda nas cinzas alentado  
Se conserva a grandeza por memoria  
De que foy neste sitio fabricado:

Novo achaque lhe temo, pois notoria  
Crizes he na fortuna levantado  
Ter a ruina vinculada a gloria.

A admiração, fonte de toda a arte, não é, meu caro Carlos de Mesquita uma qualidade bem portuguesa. Ainda ultimamente o verifiquei examinando um belo exemplar da *Legenda aurea* de Voragine que existe na Biblioteca da Universidade.

Por baixo do título, em belos caractéres goticos, alguem escreveu no seculo XVIII:

Tu, que les esta hystoria,  
porq̄ lendo, te admiras,  
se a metade são mentiras  
sem lucro, honra, nem gloria?  
Nam cances tua memoria,  
q̄ segundo novas, cuido,  
q̄ seu author fez estudo  
de mentir mais, do q̄ diz,  
e do mais q̄ espanto fiz,  
q̄ quasi he mentira tudo.

E, não contente, escreveu no fim do indice:

A Deos, amigo leytor,  
tu, q̄ buscas por aqui?  
giragonças, q̄ eu já ly  
sem verdade, e sem sabôr?

Ahi tens o conceito que no seculo XVIII se fazia da *Legenda aurea* de Voragine, a fonte de toda a inspiração da arte medieval!

Na mesma coleção de manuscritos encontrei o seguinte soneto que julgo inédito, e a que penso poderás achar interesse:

A ANTONIO HOMEM LENTE DE COIMBRA, QUE MORREÓ  
QUEIMADO SENDO CLERIGO, PELO JUDAISMO:

Quando hum primario excelente . . . . . *lente*  
Contra a fé cahe em desconserto . . . . . *certo*  
Está o que não he tão esperto. . . . . *perto*  
De seguir o erro, que prezente . . . . . *sente*;

A ley que he da hebreia, e nigligente . . . . . *gente*  
E vendosse com bom respeito. . . . . *peyto*  
E na fé segura do dezerto . . . . . *certo*  
Nega a Jezus q̄ tão clemente . . . . . *mente*

Povo que escolheo huma bezerra . . . . . *erra*  
Deyxaes de vosso velho estudo . . . . . *tudo*  
Segue a ley para ser guardada . . . . . *dada*;

Que quando em tal descuido . . . . . *cuido*  
Que hum bom lente, o melhor da terra . . . . . *erra*  
Mas sciencia sem D.<sup>s</sup> tomada . . . . . *nada*

Tenho encontrado mais poesias sobre a morte do *preceptor infelix*, mas nem todas com a relativa simpatia que mostra a que deixamos transcrita.

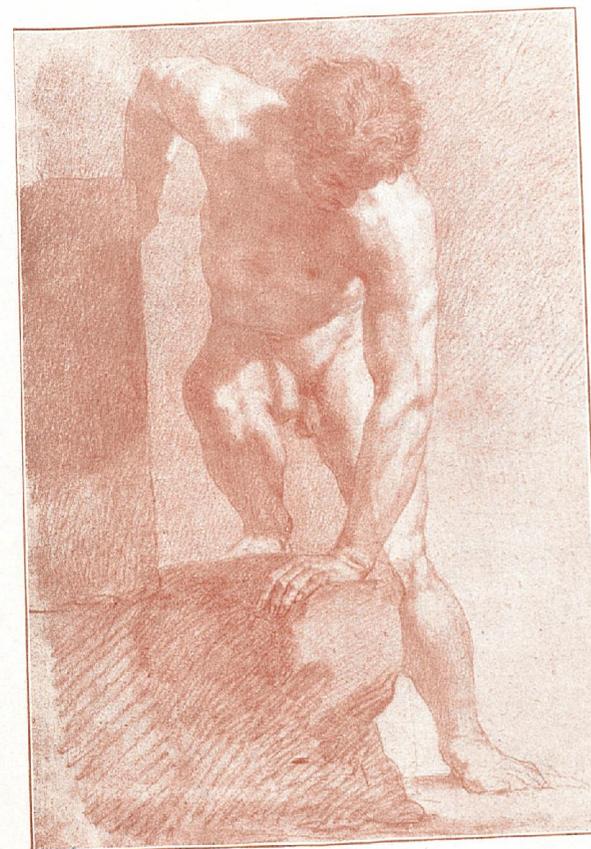
Outra, que anda no mesmo volume, ao mesmo assunto, termina:

Não admira que hum transgressor eterno  
Viva morto no lume desse Impyreio  
Morra vivo no fogo desse Inferno.

O Impyreio era a Universidade, o inferno as fogueiras da inquisição. O poeta não se admirava...  
Decididamente nós temos a admiração difficil.

: DE VIEIRA  
PORTUENSE :

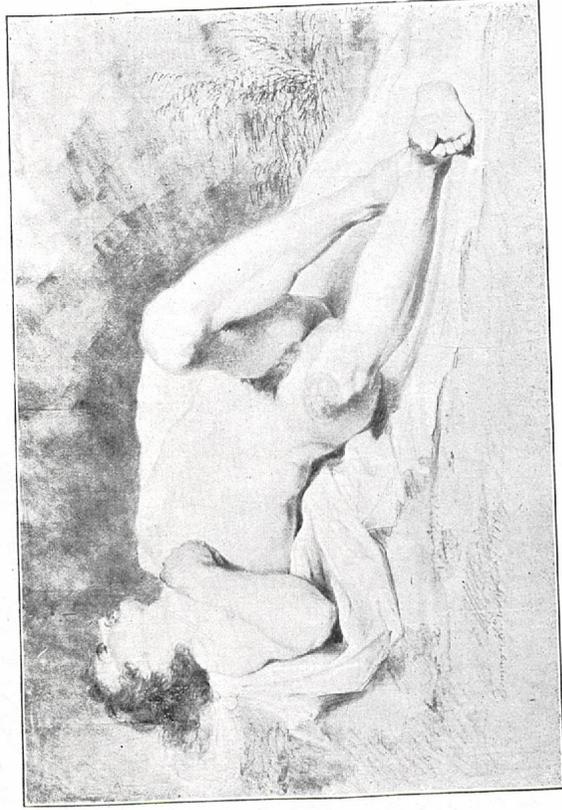
: ESTUDO :



A : Labareda : - N.º 2. (1.ª série)

: DE DOMINGOS  
A. SEQUEIRA ::

: ESTUDO :



: DE NARCISO  
DE AZEVEDO :

: DOM CAVALLEIRO :

Venho de Condestabres e Adaís!  
Fiz-me Alcaide e Fronteiro. E com tal sanha  
Assignalei braveza em Terra estranha  
Que nos Brazões lavrei a Flor de Lys!

Deu-me um Infante o gôsto aventureiro;  
Leguei o meu valor em nobres autos  
— É ao clangor belicôso dos Arautos  
Por El-Rey fui armado Cavalleiro!

A meu Amo dei voz e altos pretos,  
E por graça de Deus e dos meus Feitos  
Fui Senhor dum Condado de valia!

Nos arrayaes vezei-me á heroicidade;  
Se Nobres não cumpriram lealdade  
— Foram os meus irmãos por bastardia...

Dos Sonetos Heraldicos  
: *Pola Fé y pola Grey* :

: DE NARCISO  
DE AZEVEDO :

: SENHOR INFANTE :

Pôr senhorio ao Mar foi meu talante!  
Por meus Avós que andaram nas Cruzadas,  
Á minha fé! votei ser mareante  
— Professo na mais forte das armadas!

Fiz-me um dia a naufragios e a procelas  
E demandei paragens nunca vistas  
— Por mercê de Galeões e Caravelas  
Sou Infante dum Reyno e mais Conquistas!

El-Rey de Portucale e Dalem-Mar  
Houve por bem do Reyno encomendar  
A Deus as suas Naus mais opulentas...

Quero ter-vos na minha extrema-uncção,  
Oh! Senhoras da minha devoção,  
Oh! Naus cheias de graça e de tormentas!...

Dos Sonetos Heraldicos  
: *Pola Fé y pola Grey* :

: DE SIMÕES  
DE CASTRO :

: AMOR :

:: ALLEGORIA BARBARA ::

Áquella hora, na modorra da pesada tarde estival, o povoado dormia.

Na planície verde, brilhante sob a incidencia do sol como uma chapa de esmalte, o boi enorme, luzidio e fulvo, pastava, calmo e beatifico, em lentos movimentos de mandíbulas, donde a baba escorria, espessa, em fios brancos.

Ao lado a boieirita morena, tostada das solheiras e nortadas, na languidez da tarde esbrazeada, olhos semi-cerrados, mortços, trincava com os dentes alvos e aguçados uma planta cheirosa que o calor amolentara.

Sentia-se triste ali, tão distante da aldeia, naquella grande deserto verde onde só o vulto loiro do animal se destacava, sereno e magestático, como um idolo sagrado.

Por certo que, áquella hora, aproveitando o calmo repouso da sesta, raparigas felizes trocariam falas de amor com namorados, á sombra macia das carvalheiras do adro, onde uma fonte canta e rosas brancas perfumam o ar. E tão propício era esse tranquillo recanto do povoado que, no enlevo da conversa, olhos nos olhos, mãos enlaçadas, sonhariam venturas, trocariam beijos...

Beijos!... A ella nunca a tinham beijado. Para ali vivera sempre a monte, ora galgando as asperezas da serra, com o rebanho das cabras, ora acompanhando o gado, sosinha e calada, pelos campos monotonos no eterno verde da sua erva raza.

E na sua almazita simples de primitiva acordavam desejos perturbantes que o cerebro não podia precisar e que lhe faziam refulgir nas veias o sangue impetuoso de moça e de virgem.

Vinham-lhe impetos subitos de se espojar na erva fresca, de sentir na pelle tostada das ventanias contactos brandos, sensuaes que a fizessem contorcer em delirios de voluptua, nua, sob o clarão esplendido do sol.

Ofegava. O seio turgia-se-lhe, agitava-lhe os labios um tremor de febre e todo o seu corpo franzino era uma nervosa palpitação, ardendo em ancias de amor e de luxuria.

Sacudida de espasmos, a cabeça rodopiando, em turbilhões de sangue, que a escaldava, transtornada, ameigava o boi doirado e manso, e as suas mãos pequeninas, tremulas e geladas, corriam o pello rijo do animal, em caricias preterversas, que a estorciam de prazer.

A tarde caía, e de longe, do povoado, vinha um mor-  
no rumor de vida.

Da immensa planície verde começava a erguer-se um  
bafo cálido, rescendente dos aromas fortes da terra, da erva,  
das narinas fumegantes do boi. E mais a boieirita amorosa  
se sentia envolvida no mágico quebranto da sua paixão sem  
rumo, e mais e mais o corpo se lhe aquecia de desejos,  
como se nas veias o sangue em ebulição a escaldasse de  
chamas que lhe corressem todo o corpo.

O boi parara, extático, a baba escorrendo na boca entre-  
aberta de fadiga, os grandes olhos bons fitando os longes  
da paisagem, onde o fumosinho dos casaes se erguia, pai-  
rava em nevoa macia. Todo o seu dorso forte e calmo re-  
luzia sob o clarão vermelho do sol.

E mais e mais a boieirinha se sentia palpar de es-  
tranhas ansiedades, como se naquelle instante acordassem  
nella todas as energias do seu corpo de escrava, toda a  
existencia esmagada de trabalho, e mais e mais apetecia o  
amplexo vigoroso, subjugador, de uns braços rijos que a  
prostassem ali, sobre a terra aspera do campo, brutaes e  
cariciosos, que a fizessem chorar de dor e goso.

Visionava, em delírio, nudezas afrodisiacas, contactos  
magoadores de carnes tepidas, braços que a apertassem e a  
esmagassem, em soluços e estertores, para que, ao fim, o seu  
corpo quebrado e lasso repousasse, saciado, tranquillo.

De novo as suas mãos, humidas de suor gelado, cor-  
riam sobre o pello aspero do animal, cujo olhar enternecido  
parecia agradecer a carícia amorosa. Depois, num deliquio,  
encostou-lhe a cabeça sobre o lombo rijo e sentiu no rosto  
a picada do pello hirto, que a feria e fazia estremecer, e  
voluptuosamente murmurava incendidas palavras de paixão,  
todo um hymno de luxuria, em que o seu coração apaixo-  
nado trasbordava. A sua boca procura o dorso do animal  
e, perdida, transtornada, o sangue ardendo, o seio saltando  
do corpete duro de estamenha, beija-o, em caricias febris,  
rangendo os dentes, gritando, como se o estuar d'essa pai-  
xão doentia a magoasse.

O clamor do seu delírio acorda o silêncio da planície  
tranquilla, onde se acinzenta a poeira loira do poente.

Correm-na arripios de frio, latejam-lhe na fronte ondas  
de sangue, enclavinha as mãos e, na epilepsia suprema do  
cio que a estorce, os seus dentes alvos e agudos procuram  
o focinho tenro do boi e mordem-no, perversamente, volu-  
ptuosamente.

Dorido, o animal esbraveja, procura sacudi-la e, subito,  
rompe em carreira doida, arrastando, cego e indiferente, o  
corpo semi-nu da boieirita amorosa, cujo sangue rubro  
tinge o verde monotono do campo...

: DE AFFONSO  
DUARTE :: ::

## : VITRAL :

Franzina, é como um choupo á luz da lua;  
E' a noite escura o seu olhar de magua;  
Uma ogiva os seus braços quando amua;  
Modelo foi dos cantarinhos-da-agua.

Dizem os seios que a faram mãesinha:  
Oh que linda menina casadoira...  
Sam os seios da virgem donzelinha  
Dois novêlos saltando á doboira.

Seus labios, duas pétalas de rosa;  
Abrem as rosas como a boca enlaça...  
Em beijo a boca é uma flor ciosa.

N'um lago a lua: o seu andar embala...  
Sam suas mãos,—ás que eu imploro a graça;  
Seu corpo esguio,—uma anfora com fala...

: DE ARMANDO  
CRUZ :: :: ::

: AOS MEUS OLHOS :

Meus olhos, fontes de graça,  
— Agua viva de saúde—  
Choram rios de beleza  
Sobre a minha mocidade.

— Espelhos do meu desejo:  
Ó meu Amôr, anda vêr  
A graça do teu sorrir  
Feito sonho, a esmaecer...

Tudo o que vistes, meus olhos,  
Foi sonho que se perdeu...  
Mas o seu perfil de santa  
Nunca mais vos esqueceu.

Quando vós, meus olhos tristes,  
Sonhastes a sua graça,  
Ereis dois poços de mágua  
— Fontes da minha desgraça.

— Olhos como gelozias,  
Em vós me debruço a olhar  
Aquella que ha-de sêr minha  
Por graça de bem amar.

Quem dera que vós, meus olhos,  
Cegasseis a olhar a côr:  
Voltados para a minh'alma,  
Verieis melhor a dôr.

Maio de 914.

: DE MANUEL  
LARANJEIRA ::

: CARTA INÉDITA :

Espinho

Segunda-feira-10-Setembro, 1906.

Querido amigo:

*Do coração reconhecido pelo sacrificio da sua acquiescencia. O nosso Ramiro já hoje ficou intimado tambem e não resistiu á cathgorica intimação. Amanhan espero intimar o Antonio Patricio e espero ser bastante imperioso para o forçar a acquiescer tambem.*

*E perdoe-me a tyrania de roubar-lhe um dia á sua febre de trabalho. A amizade tem destes egoismos. O que me consola é que essa febre de trabalho se não extinguirá depois d'um dia inutilmente perdido. Eu conheço-o, meu querido artista, e sei bem a tempera de que você é feito. Você é um forte, um tenaz, com essa qualidade rara em artistas d'esta indolentissima raça portugeza.*

*A sua phase contemplativa, melhor autocontemplativa, de que aquelle seu maravilhoso retrato dá a expressão justa, passou. E ainda bem, que com isso adquiriu você mais serenidade e maior acuidade visual para o complicado espectáculo da vida e das cousas e, por assim dizer, o campo artistico da sua retina ampliou-se. Numa phase contemplativa que tão bem marcou e definiu a sua mocidade, a vida e o mundo tinham para você uns aspectos mais sympathicos do que outros. Hoje, como um artista que attingiu o estado adulto da sua evolução, a vida inteira, a natureza inteira, é para você—um grande motivo d'arte. E é por isso que você me não falla já de assumptos de arte, mas do unico assumpto da sua arte—da Luz. Tem razão: a Luz é a linguagem pictoral de quanto existe. A luz diz tudo, tem expressoens para tudo. Assumptos em pintura —são em última analyse expressoens de luz. Em pintura não ha outro assumpto, senão a luz, como em poesia não ha outro assumpto senão a palavra. Graduar a intensidade da luz ou da palavra—eis o segredo do pintor e do poeta. A luz e a palavra são organismos vivos, expressoens da*